



Linguagem do Jornal Nacional: como se constrói um telejornal?¹

SOUZA, Karla Caroline Nery de²

Universidade Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo – RS

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar a linguagem do Jornal Nacional (JN) e através disso, perceber como se constrói um telejornal. O JN foi escolhido por objeto de estudo por ser o telejornal nacional há mais tempo no ar e uma das principais referências de telejornalismo no País. As metodologias utilizadas foram a revisão bibliográfica e Análise de Conteúdo de edições do telejornal. Observamos como os elementos que compõe a linguagem do audiovisual, entre eles, planos, ângulos, movimentos, cores, iluminação e a edição, com seus cortes e efeitos sonoros, se articulam para assim construir o Jornal Nacional. Concluímos que essa não é uma articulação qualquer, pois esses elementos também compõem a linguagem de outros audiovisuais. Mais uma linguagem aplicada dentro de um formato, de um gênero.

Palavras-chave: Jornal Nacional; linguagem; audiovisual; telejornal; formato.

1- INTRODUÇÃO

Qual a linguagem do Jornal Nacional? Como se constrói um telejornal? Essas são algumas das questões que nortearam este trabalho. Para encontrar as respostas, partimos do ponto de vista de que a linguagem do Jornal Nacional (JN) não se construiu de uma hora pra outra, mais ao longo de seus 40 anos, transmitindo diariamente as principais notícias do Brasil e do mundo, sendo hoje uma das principais referências para a linguagem do telejornalismo como um todo. Daí, a importância desse estudo.

Passamos por um período de maior aprofundamento com relação ao objeto, conhecendo um pouco da sua história, principais mudanças e formato até se tornar uma das principais referências quando se fala em Padrão Globo de Qualidade. Estudamos ainda a linguagem do audiovisual para só depois, observar como esses elementos aparecem no Jornal Nacional. Como metodologia, além de uma revisão bibliográfica, optamos por uma Análise de Conteúdo de algumas edições do telejornal que foram ao ar. A escolha foi aleatória e teve como corpus várias edições que foram veiculadas a partir de 2009, presentes na internet em sites como Youtube e Globo.com. A seguir, descrevemos o objeto, o percurso e os resultados desse estudo.

¹ Trabalho apresentado no DT 4- Comunicação audiovisual do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação da Unisinos em Processos Midiáticos desde 2008. Especialista em Telejornalismo pela UFPI (2007). Jornalista formada pela UFPI (2005). Email: karlanery_10@hotmail.com



2- Breve histórico do Jornal Nacional

Contar a história do Jornal Nacional seria contar um pouco da história do Brasil e do mundo nesses últimos 40 anos. E apesar de ser um pouco a isso que o telejornal se propõe, não é essa a história que queremos contar. Não a história que foi ao ar, através da apresentação de notícias, mas sim, a que se passou por trás das câmeras, nos bastidores, buscando, com isso, contextualizações para o objeto de pesquisa. Na verdade, não nos propomos aqui a fazer o que já está dado nos livros que contam a trajetória do telejornal e, sim, num breve resgate, pontuar momentos, mudanças e personagens que foram importantes nessa trajetória.

Se a chegada da TV no Brasil foi resultado da ousadia de Assis Chateaubriand, a integração do país e a criação de uma identidade nacional se devem em boa parte ao Jornal Nacional, pois ele foi o primeiro telejornal transmitido para todo o país, a partir do dia primeiro de setembro de 1969. Talvez falando assim não se tenha a real noção de sua importância, mas esse telejornal surgiu em meio à ditadura militar, período em que governar um país tão grande e tão diverso como o Brasil era um desafio.

E coube ao Jornal Nacional ser o carro-chefe desse projeto de integração, com o qual os militares pretendiam interligar todos os estados através de um sistema de transmissão de satélite e microondas da Embratel, através dos meios de comunicação, em especial a TV, o que resultou ainda, numa unificação não só da cultura brasileira, mas do comportamento e até da linguagem. A essa unificação do país, construção de uma identidade nacional, proporcionada pela TV e, em especial, pelo Jornal Nacional, Kilpp chama de brasilidade³.

O JN inaugurou assim o sistema de transmissão em rede, inicialmente para o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Em poucos anos, essa cobertura foi ampliada para os demais estados e hoje, ele é veiculado em todo o território nacional, através de 121 canais de TV, entre as emissoras e afiliadas da Globo. A expansão e o crescimento do telejornal aconteceram mediante muitas mudanças, profissionais e momentos que marcaram sua história.

³ Brasilidade - Termo defendido por Suzana Kilpp no livro *Mundos televisivos*, segundo a qual “Tanto a brasilidade quanto a própria TV, entre outras ethicidades, são assim enunciadas, com certos sentidos, em práticas que tendem a ser homológicas e que instituem gramáticas audiovisuais de TV. Os sentidos, portanto, devem ser menos buscados no que se tem chamado de conteúdo dos programas de televisão e mais nessas gramáticas de grande opacidade que se ocultam por trás do que é dito e mostrado de forma imediata numa transparência que é apenas aparente.” (KILPP, 2005, p. 87)



Entre os momentos marcantes citamos: o incêndio na sede da emissora em 1976 e a morte de duas equipes de reportagem em 1984, que fez com que a produção e veiculação do mesmo tivessem que ser transferidas do Rio para São Paulo; a cobertura da morte de Tancredo Neves, em 1985; a Campanha das Diretas-já; a polêmica das Eleições de 1992 e o caso Leonel Brizola; os atentados de 11 de setembro de 2001; a morte do diretor das Organizações Globo, Roberto Marinho em 2003; a morte do Papa João Paulo II em 2005, entre outros. A seguir, pontuamos as principais mudanças que o telejornal passou nos últimos anos, sejam elas técnicas, tecnológicas, no formato, de profissionais, entre outras.

3- Principais mudanças no telejornal

Como o Jornal Nacional é o carro chefe do Jornalismo da Globo, desde a sua implantação, muitas inovações, iniciaram por ele e só depois, foram adotadas nos outros telejornais da casa e até mesmo copiados por telejornais de outras emissoras. Entre as principais mudanças, talvez a primeira a ser percebida, tenha sido justamente na forma de apresentação, pois em vez do apresentador ler as matérias dos jornais como acontecia com o Repórter Esso, a Globo inseriu nas matérias a voz do entrevistado complementando a informação, o que segundo Brittos e Bolaño (2005, p.214) “construía um ideal de credibilidade, de fidelidade à realidade”. Para distanciar ainda mais a linguagem do telejornal da do rádio e concorrer com o Repórter Esso, da TV Tupi, líder de audiência até então, a Globo implantou outra inovação: o “Boa noite”.

Para se diferenciar do modelo consagrado pelo *Repórter Esso*, que sempre terminava com a notícia mais impactante do dia, o *JN* concluía o seu noticiário com informações leves, de conteúdo lírico ou pitoresco. Essa matéria de encerramento era conhecida como “boa noite”, pois antecedia ao cumprimento de despedida dos locutores. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.34)

A participação dos repórteres nas matérias é outra inovação no formato, como lembra Tourinho (2009, p. 116)

Apoiado no formato do telejornalismo norte-americano, a presença do repórter na matéria tornou-se o padrão dominante no País. A presença dos repórteres no vídeo determinou a adoção de novos treinamentos, cuidados com gestos, expressões, voz, roupa etc. Nos últimos vinte anos, o formato reportagem voltou a sofrer modificações, mais uma vez ditadas pela TV Globo e depois assimilada pelas demais emissoras.



Ao longo dos anos, outras novidades foram sendo inseridas no telejornal, como a participação de comentaristas especializados (1989) e a criação de novos quadros: previsão do tempo (1991), séries de reportagens (1996), videocharges (2002). Merece destaque ainda a maior participação do esporte dentro do JN a partir de 1974, principalmente por causa do fim do programa *Dois minutos com João Saldanha*⁴ e a criação de editoriais em 1985, medida que ajudou a organizar a produção do telejornal.

Essas mudanças são mais conceituais. No entanto, as novas tecnologias – por exemplo, o VT que já existia desde 1961, o *teleprompter* introduzido em 1971 e a transmissão em cores a partir de 1973 – fizeram com que a emissora adotasse novas “convenções narrativas”. Era o que futuramente daria origem a uma gramática ou linguagem televisiva do telejornalismo brasileiro. Além dessas mudanças conceituais no formato e as decorrentes do uso das novas tecnologias, a história do JN é marcada por várias outras mudanças desde editores, diretores e apresentadores, cada qual imprimindo suas marcas e um novo conceito de produção e de jornalismo ao telejornal; cenários, vinhetas, logomarcas, entre outras, através das quais o telejornal foi ganhando forma, identidade e linguagem própria. De todas essas mudanças talvez a mais perceptível aos olhos do público tenha sido a troca dos apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapellin.

Em março de 1996, Cid Moreira e Sérgio Chapellin, dupla de apresentadores que havia se tornando, ao longo dos anos, uma marca registrada do *Jornal Nacional*, foram substituídos por William Bonner e Lilian Witte Fibe. O objetivo da mudança era colocar à frente do telejornal jornalistas profissionais, envolvidos com a produção das matérias. Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas. (...) A troca dos apresentadores talvez tenha sido, em toda a história do *JN*, a inovação que o público mais sentiu, acostumado que estava com a voz grave de Cid Moreira desde a estréia do telejornal. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.287-288)

Sobre a substituição dos dois locutores pelos jornalistas, o diretor da Central Globo de Jornalismo, Carlos Schroder em entrevista ao Memória Globo (2004, p.288) relembra que “Vendo retrospectivamente, parece que foi uma decisão fácil de tomar. Mas, não foi. Qualquer mudança no *Jornal Nacional* é muito complicada, porque se trata do principal telejornal da casa e do país. E um dos principais programas da TV Globo”. Ainda sobre este episódio da história do telejornal, Tourinho (2009, p. 115) ressalta que “De fato, ainda mais marcante que a troca de cenário é a mudança de apresentador. (...)”

⁴ Memória Globo, 2004, Pag. 128.



Substituir profissionais do mais alto padrão, experientes e queridos pelo público, é uma decisão arriscadíssima.”

Vale destacar que apesar de todas essas mudanças, o telejornal manteve uma coerência que nos permite reconhecê-lo ao assisti-lo em qualquer época, pois de acordo com Memória Globo (2004, p.231), “Essas mudanças na cúpula do Jornalismo da TV Globo, no entanto, não significaram uma mudança de rumo no noticiário da emissora e no seu carro-chefe, o Jornal Nacional”.

4- Do formato ao padrão ou do padrão ao formato?

Essas mudanças estão muito relacionadas ao fato da implantação do telejornal ter ocorrido simultaneamente à criação do **Padrão Globo de Qualidade**, motivo pelo qual é muito associado a ele. Esse padrão caracteriza-se tanto pela qualidade tecnológica, como técnica (profissionais) e de produção, estética ou visual, lingüística, da programação (fixação de uma grade e preocupação com o conteúdo) e principalmente, pelo seu gerenciamento. Padrão que a emissora harmoniza e coloca no ar desde a década de 70, mas, que segundo Brittos e Bolaño (2005, p.43), foi “o Jornal Nacional, primeiro programa da televisão brasileira em rede nacional, que inauguraria o padrão de televisão vigente até os dias de hoje”. Eles ressaltam que foi

(...) a partir do “final dos anos 1960 e início dos 1970, quando começam a surgir inovações que racionalizam e sofisticam o processo produtivo. Destacam-se a partir daí algumas transformações relacionadas à tecnologia, ao gerenciamento administrado, à qualificação dos profissionais, ao fortalecimento do setor das telecomunicações no Brasil e também ao próprio modelo narrativo: aparecimento do videoteipe (...), câmaras cada vez mais leves (...), introdução da cor (...), maior investimento no treinamento e formação de pessoal para atuar “com qualidade” (...), processo de divisão do trabalho que cria departamentos próprios, responsáveis pelos figurinos (...), a transmissão da programação em rede nacional. (BRITTOS; BOLAÑO, 2005, p.195).

Para os autores, o estabelecimento desse padrão, proporcionou a emissora não só benefícios econômicos, ao diminuir os custos de produção, mas também a possibilidade de expandir a sua programação por todo o país e com isso, aumentar sua capacidade de comercialização do espaço publicitário. Quanto ao seu formato, Memória Globo (2004, p.33), descreve que

O Jornal Nacional, no início, tinha apenas 15 minutos de duração e era transmitido de segunda-feira a sábado. As edições eram divididas



em três partes: local, nacional e internacional. As manchetes em geral, curtas e fortes eram lidas alternadamente por dois apresentadores de maneira rápida e ágil.

A idéia de colocar duplas na apresentação tem por objetivo dar mais dinamismo ao telejornal. Essa forma de veiculação das notícias com dois apresentadores se mantém desde a sua criação, assim como o fato dele ser transmitido ao vivo de segunda a sexta por apresentadores fixos e numa espécie de rodízio de apresentadores aos sábados. Por vezes, o telejornal chegou a ser veiculado aos domingos, como aconteceu com a morte de Tancredo Neves e também durante um curto período chegou a substituir o Jornal da Globo, recebendo o nome de Jornal Nacional 2^a. Edição⁵.

O horário e a sua duração também sofreram alterações. Inicialmente, o noticiário ia ao ar às 19h45min, posteriormente às 20h e, atualmente, é veiculado das 20h15min às 21hs, entre duas telenovelas, no horário nobre da Rede Globo. Isso se deve entre outras coisas às mudanças de hábito na sociedade, tendo o trânsito como a principal delas, responsável pelo fato do público do telejornal chegar mais tarde em casa.

Quanto à duração, atualmente, o telejornal triplicou seu tempo em relação às primeiras edições, tendo 45 minutos diários, divididos em 4 blocos, intercalados por *breaks* comerciais. Esses blocos têm tamanhos diferentes e procuram agrupar em si notícias semelhantes, seguindo sempre o esquema da mais dramática para a mais leve, motivo pelo qual a última matéria é chamada de “Boa Noite” ou “Final feliz”.

Durante esse tempo, o Jornal Nacional veicula inúmeras informações em forma de reportagens, notas secas e cobertas, entrevistas, ‘ao vivo’, quadros, comentários, entre outros. Dessa forma, os profissionais fazem valer a máxima de “fazer caber o elefante na casinha de cachorro”, ou, em outras palavras, condensam e apresentam as principais notícias do Brasil e do mundo, de acordo com os critérios de noticiabilidade. Para isso, há um rigoroso controle do tempo. Antes, o tempo médio das matérias era 1min30seg, hoje, é de 1min45seg, podendo chegar até 2min30seg, dependendo do grau de interesse e relevância do assunto.

Da observação do Jornal Nacional, constatamos que, atualmente, as matérias fazem uso de vários recursos visuais, sonoros e de narrativa com o objetivo de deixar mais clara a informação (SOUZA, 2007). Entre esses recursos, podemos citar a reconstituição dos fatos ou a simulação, bem como o uso de personagens para ilustrar os

⁵ Ver site Memória Globo. Link: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236931,00.html>



acontecimentos, mapas, cartelas, gráficos, selos, ilustrações e inclusive, algumas matérias abusam de sobe-sons e efeitos sonoros para valorizar o conteúdo. O uso desses recursos permite ao telespectador assimilar com mais facilidade a informação, além de enriquecer as matérias.

As notas, na sua grande maioria, costumam ser usadas intercalando matérias. Por sua vez, tanto a escalada como a passagem de bloco, ao invés de apenas serem lidas como antigamente, agora fazem uso de imagens dos acontecimentos para chamar a atenção do espectador, recurso que na TV é chamado *teaser*⁶. Outro recurso muito utilizado na apresentação do telejornal são os famosos selos⁷ atrás dos apresentadores, para ilustrar o assunto que será tratado e ao informar sobre a cotação do dólar, situação das bolsas de valores e previsão do tempo, por exemplo.

A previsão do tempo é outro elemento que merece destaque no formato do telejornal. O quadro JN Tempo é apresentado diariamente desde 1991, por um comentarista especializado, tem em média 55 segundos de duração e costuma fazer uso de mapas, tabelas, entre outros recursos gráficos.

Em sua estrutura, o noticiário possui ainda a participação de repórteres, correspondentes e comentaristas especializados nas mais variadas áreas, entre elas, economia, política, esporte e cultura. Vale ressaltar que no Jornal Nacional, os comentários dos apresentadores ao contrário de outras emissoras, ocorrem em forma de nota-pé ao final das matérias, o que deixa sempre a última palavra sobre o fato na “boca da emissora”. Para a emissora, fica claro que não cabe a um jornal formar opinião, mas oferecer ao leitor as informações relevantes para que ele forme suas próprias opiniões. Em resumo, ao pensar o formato do Jornal Nacional, Bonner (2009, p. 145) descreve que

Tudo o que nós vimos até aqui diz respeito àquele telejornal que todos nós conhecemos em seu formato típico. Dois apresentadores sentados diante de uma mesa, alternando-se na apresentação de notícias variadas, de diversas temáticas, ao longo de segmentos divididos por intervalos comerciais. Eles começam com uma espécie de “cardápio” do dia, com manchetes curtas dos temas principais. Depois, ao longo do programa, às vezes os apresentadores introduzem reportagens pré-gravadas por colegas repórteres, às vezes chamam a participação dos

⁶ *Teaser* – é uma técnica utilizada para aumentar o interesse do público para a notícia. Em geral, com imagens fortes que sintetizam o acontecimento.

⁷ Selos – Imagens ou palavras que ajudam o público a entender o assunto que está sendo tratado, através do uso de imagens. Como exemplo de selos, podemos citar imagem do vaticano ou do papa, mapa dos EUA ou do Iraque, entre outros.



repórteres ao vivo, outras tantas eles próprios se encarregam de apresentar as informações, com ou sem o apoio de imagens que ilustram o que estão dizendo. Isso é um Jornal Nacional em seu formato clássico.

Esse formato e, conseqüentemente, as suas transformações acabaram por conferir uma linguagem própria ao telejornal. Para entendê-la melhor, antes cremos necessário, entender a linguagem audiovisual.

5- Entendendo a Linguagem Audiovisual e do telejornal

Por possuírem as mesmas características, classificamos como audiovisual: o cinema, o vídeo, a televisão e mais recentemente, a internet e as mídias digitais. A primeira característica comum a esses meios está presente no próprio nome, resultado da combinação das palavras áudio + visual e na sua gênese que implica a junção desses dois elementos na medida em que se somam características da imagem ou visual, heranças da fotografia, pintura, entre outras artes com as do áudio, herdadas da música, do rádio, da história oral.

A junção do som e da imagem em movimento é, portanto, a principal característica do audiovisual. Sobre os elementos que o caracterizam, mas referindo-se especificamente a televisão, Rezende (2000, p.38) diz que “a linguagem televisiva resulta da combinação de três códigos: o icônico, representado pela imagem, o visual, o lingüístico referente à língua que se fala e escreve e o sonoro, relativo à música e aos efeitos sonoros”.

Pode-se repensar essa posição de Rezende configurando dois códigos principais: o imagético que abriga em si as imagens em movimento, as imagens estáticas, o verbal quando escrito, as logomarcas; e o sonoro que abrange as falas, os sons, os ruídos, as músicas. Tais códigos são atravessados pelo código das técnicas audiovisuais que se valem de cortes, planos, ângulos, volumes, intensidades, entre outros, os quais explicaremos mais a frente.

Além disso, outras características essenciais do audiovisual são denominadas por Deleuze (1990) como imagem-tempo⁸ e imagem-movimento⁹, referindo-se ao cinema, pois através desse meio de comunicação foi possível, pela primeira vez, capturar e

⁸ **Imagem-tempo** é definida por Deleuze como a imagem que condensa o passado e o futuro num dado signo. Signo, para Peirce, é a transformação das formas sensíveis em algo, coisas inteligíveis. As imagens-tempo se classificam em três formas: Imagem sonho, imagem lembrança e imagem cristal.

⁹ Deleuze criou o termo **imagem-movimento**, a partir da observação do cinema, para descrever o novo tipo de imagem que surge com esse audiovisual.



reproduzir as ações das pessoas e não apenas congelá-las como fazia a fotografia. Inicialmente, não existia o som e as imagens eram apenas em duas cores preto e branco como nos primeiros vídeos do cinema mudo e só alguns anos depois, foi que elas ganharam cores, áudio e efeitos especiais.

Após essa breve apresentação do que é o audiovisual e suas características, gostaríamos de esclarecer que o que nós chamamos de linguagem audiovisual é bem diferente da linguagem pra a Lingüística. Trata-se de um conjunto de regras e normas que regem e orientam os termos técnicos, jargões e os procedimentos utilizados por quem trabalha com isso. Além de elementos que são utilizados para o audiovisual como um todo, existem ainda uma linguagem específica de cada meio. Para ilustrar isso, ao se referir à linguagem dos audiovisuais, Kilpp e Fischer (2008, p.6) dizem que “as mídias audiovisuais não são apenas outras máquinas de perceber imagens, são outro mundo, outra fonte de fenômenos, outro ponto zero do aparecer; a partir desse ponto se abre um mundo com suas próprias leis e regras”.

Alguns autores preferem chamar de gramática esse conjunto de regras e normas que organizam e permitem construir sentidos. Carpenter e McLuhan (1971, p. 197), por exemplo, dizem que “as novas comunicações de massa – cinema, rádio, TV – são novas linguagens, cujas gramáticas ainda são desconhecidas. Cada uma delas codifica a realidade de um modo diferente; cada uma esconde uma metafísica única”. Segundo os autores, cada meio tem uma linguagem própria, “não é simplesmente um envelope que transporta qualquer carta; ele próprio constitui uma parte importante dessa mensagem”. (CARPENTER e MCLUHAN, 1971, p. 213).

Rosário (2003), por sua vez, ao estudar a TV, ao invés dos termos linguagem e gramática prefere chamar de domínio – tentando afastar-se da forte conotação lingüística daqueles termos –, referindo-se a um campo com as mesmas características em termos de recursos expressivos e capazes de, através de determinadas combinações, produzir efeitos de sentidos.

Ou seja, a linguagem audiovisual é um conjunto de normas e regras bastante flexível, convencionada por quem está no dia-a-dia produzindo audiovisual, graças a uma repetição, produção mecânica e diária de um mesmo produto. No telejornal, por exemplo, percebemos que o conjunto de regras que o organiza é responsável ainda por manter o seu formato e ser reconhecido como tal pelo público. Ao descrever esse gênero televisivo, Camargo (2005, p.8) afirma que



O modelo mais tradicional de telejornal reduz-se a um cenário que mostra, quase sempre ao fundo, a marca da empresa televisiva que produz o jornal. Neste cenário, além do plano de fundo, há geralmente uma bancada ou mesa onde, por trás dela, os apresentadores se posicionam frontalmente para a locução do jornal. Normalmente esta apresentação oral é amparada pelas reportagens, entrevistas, filmes e imagens que ilustram ou complementam o que o apresentador fala.

Vale ressaltar que essa linguagem do telejornal, assim como do audiovisual como um todo, não é totalmente estável. Sempre há algo que pode ser rompido, inovado e atualizado, tornando-a dinâmica e criativa. O surgimento das novas tecnologias é um dos motivos que faz com que a linguagem audiovisual esteja constantemente se atualizando, fazendo surgir novas técnicas de filmagem, maquiagem e iluminação, como vem acontecendo recentemente com o advento da TV digital.

Quem trabalha nesses meios precisa dominar de alguma forma as suas linguagens e gramáticas, ou seja, entender não só os termos técnicos, mais os padrões e o conjunto de regras que o regem. Contudo, também o espectador, precisa ter algum conhecimento acerca da linguagem audiovisual para poder decodificá-la e entender suas mensagens. Entre os principais elementos que compõe a linguagem audiovisual comum a todos os meios estão os planos e enquadramentos, os ângulos, os movimentos de câmera, a iluminação, a cor, a edição ou montagem e o som.

Numa definição simples e ampla do que é **plano**, podemos dizer que é a menor unidade básica do audiovisual, ou em outras palavras, a imagem entre dois cortes. Fica clara que essa é uma herança da pintura e posteriormente, da fotografia, que tentava através das lentes das câmeras enquadrar o mundo e os objetos. O plano ou quadro, como alguns autores preferem chamar é resultado do enquadramento, através do qual se opta por mostrar determinada coisa ao mesmo tempo em que também se excluem outras. Esse recorte ou plano é o que delimita a imagem.

No audiovisual, o plano engloba, portanto, o cenário, a iluminação, a ação dos atores, o movimento de câmera, entre outros elementos, embora sua classificação não seja consensual. A título metodológico, neste trabalho, optamos por utilizar a classificação de Yorke (1998, p.107) que define os planos em quatro formas: Plano Geral que mostra toda a figura humana e dá noção de amplitude; o Plano Médio que mostra da cintura para cima; o Meio Plano, do peito para cima; e o *close-up* que mostra a cabeça e os ombros. O que parece relevante, para esse estudo, é que o plano e os seus usos na edição vão trazer efeitos de sentido ao audiovisual. Além disso, na linguagem



audiovisual, uma cena seria composta por um conjunto de planos articulados entre si e uma seqüência ou bloco por um conjunto de cenas.

Para compor a imagem são utilizados ainda os movimentos, classificados em dois tipos: os de câmera e os de lente¹⁰. No que se refere aos movimentos com a câmera, Bojunga (1991, p. 214) afirma que “McLuhan escreveu agudamente que a câmera de Tv age visualmente como o microfone em relação à voz”, ou seja, se movimenta de acordo com os personagens.

Entre os principais **movimentos de câmera** estão: a panorâmica, que pode ser horizontal (de um lado para o outro) ou vertical (de cima para baixo ou de baixo para cima); o *tilt* ou panorâmica vertical, que através de um tripé gira em torno de si mesma no sentido vertical; o *travelling* que é um equipamento que permite uma sensação suave ao movimento de se deslocar da câmera sob uma plataforma ou trilhos, por exemplo. Ele pode ser lateral ou frontal. Neste último caso, teríamos o *travelling in* (de aproximação) e o *travelling out* (de recuo). Temos ainda o *dolly*, que por sua vez, seria um movimento da câmera sobre um tripé ou uma espécie de carrinho; a grua, ou seja, um aparelho metálico através do qual o *cameraman* fica suspenso e consegue captar imagens aéreas, entre outros. Quanto aos movimentos de lente, esses se resumem apenas ao *zoom*, movimento de aproximação (*Zoom In*) ou de afastamento (*Zoom Out*), o qual pode ainda desfocar a imagem.

Outro elemento que compõe a linguagem audiovisual é o **ângulo** da câmera que se refere à posição que esse equipamento irá ocupar com relação ao que é filmado. Ele pode ser pensado em duas dimensões: na altura do ângulo (pode estar no mesmo plano, inferior ou *contra-plongée*, superior ou *plongée* ou *plongée* absoluto em 90°) e no lado do ângulo (mais pra esquerda ou mais pra direita do plano).

Assim como definir o ângulo, controlar e escolher a melhor **iluminação** são tarefas importantes já que muita luz ou pouca luminosidade comprometem a visualização das imagens. Quanto a esse item, podemos classificá-la em natural, fria e quente, dependendo da intensidade e das cores e recursos utilizados. A iluminação natural é a da luz do Sol, a fria geralmente, tende para os tons de verde e azul e a iluminação quente utiliza cores mais fortes, como o laranja e de preferência, o vermelho.

¹⁰ Não me refiro nessa parte, ao movimento do personagem frente à câmara parada, apenas aos recursos técnicos que ajudam a compor a linguagem audiovisual.



O uso de **cores** é outro recurso audiovisual que ajuda na composição gráfica da imagem e da própria narrativa. Elas são classificadas de acordo com seu poder de evocar sentimentos e estabelecer climas. Enquanto, as cores quentes excitam, geram atividade e calor, as cores frias dão idéia de repouso, frieza e tranqüilidade. Deve-se, no entanto, ter muito cuidado com o uso excessivo de cores num mesmo plano, pois estas podem saturar a imagem.

Para ordenar os planos, são utilizados os **cortes**, ou seja, a mudança instantânea de uma imagem para outra, a interrupção de uma cena. Eles são efeitos da **edição** que combinam imagem e som em uma seqüência lógica, possibilitando mostrar ou interligar uma cena à outra. Para suavizar ou acentuar os cortes, os editores costumam utilizar recursos como o *fade in* e *fade out* para clarear ou escurecer gradualmente a imagem na tela. A edição seria, então, o movimento de junção da imagem, do som e do texto, através de duas etapas: a *decoupage* (escolha do que vai ser utilizado) e a montagem dessas partes em seqüência. Sobre esse processo, Arbex Júnior (2001, p.53) diz que “Como no videoclipe, uma sucessão de imagens é “costurada” de maneira aparentemente aleatória, mas que em seu conjunto reforçam certa mensagem”.

Na TV, ao falarmos em edição, remetemo-nos a idéia de que isso só foi possível graças às tecnologias que permearam toda a história desse meio de comunicação, entre elas o *videotape* e que no telejornalismo, existem dois tipos de editores: os de texto, responsáveis pela correção e melhor organização do texto do repórter para que o produto final seja mais claro e fácil de entender, já que na TV o texto é feito para ser ouvido apenas uma vez; e os de imagem, que selecionam as imagens que melhor casam com o texto para cobri-lo, juntando assim som e imagem. É ele quem faz a “costura” e dá o toque final a edição, através do uso de recursos e efeitos especiais. Vale ressaltar que o termo edição é mais usado na TV. Já na internet, cinema e videoclipe prefere-se o termo montagem e é justamente nessa montagem que o produto audiovisual ganha forma, significados e sentidos.

Ao analisar tudo que acabamos de descrever, podemos pensar que a linguagem audiovisual resume-se apenas ao visual já que pouco falamos do **áudio**. Por vezes, constatamos que ele continua sendo ignorado nas pesquisas do audiovisual e para não deixá-lo de fora mais uma vez, optamos por falar mesmo que rapidamente que ele aparece, através da captação do som junto com a imagem e do uso de recursos sonoros. Caracterizamos como áudio, os sons naturais que correspondem aos sons ambientes e as falas dos personagens, por exemplo, e ainda em efeitos sonoros, resultados do processo



de sonorização, onde podem ser inseridos uma trilha musical ou outros sons. O áudio no audiovisual, muitas vezes acaba ficando com a função de complementar os sentidos das imagens ou vice-versa, portanto, eles devem estar sempre num jogo de co-relação, complementando um ao outro.

Esses são apenas alguns dos elementos em comum que cada meio audiovisual possui, embora, eles tenham também suas singularidades que os diferenciam entre si. Enfim, diante de todas as explicações anteriores, coube-nos perguntar qual a linguagem do Jornal Nacional e para chegar a essa resposta, analisamos algumas edições do telejornal quanto ao uso desses elementos, o que descrevemos a seguir.

2.1- Qual a linguagem do Jornal Nacional?

Para perceber como esses elementos aparecem e se articulam na composição do Jornal Nacional e facilitar a interpretação dos dados, resolvemos dividir o telejornal em partes: escalada, apresentação das notícias (que inclui aqui a passagem de bloco e a volta do bloco, chamada das matérias, notas secas e cobertas), as matérias em si, os ao vivos, as entrevistas, o quadro previsão do tempo e o encerramento ou *boa noite*. Em cada uma dessas partes, procuramos identificar os elementos descritos anteriormente, ou seja, perceber o tipo de plano, enquadramento, iluminação, ângulo, cores, movimento de câmera e de lente e de edição utilizados.

Como o telejornal começa com a escalada para só posteriormente vir a vinheta e as chamadas das matérias, iniciamos a nossa análise por essa parte do telejornal. Quanto aos planos, Na escalada, os apresentadores aparecem informando as principais manchetes do dia, geralmente, utilizando o Meio Plano, que nos permite ver apenas seu busto de apenas um deles enquadrado ao centro da tela. Nessa edição, é feito um corte de uma câmera para outra, uma espécie de passagem da imagem de um apresentador para o outro num ritmo acelerado.

Apesar de haver sensação de movimento, não é utilizado nenhum movimento de câmera ou de lente. Além disso, a iluminação é padrão com predominância da cor azul que compõe o próprio cenário. O único diferencial mesmo fica a cargo da inserção do *teaser* com imagens das matérias em cartelas próprias, com formato de pasta e detalhe da logo do JN no canto superior esquerdo, seguido por um nome ou data.

Logo em seguida, entra a vinheta. E a abertura do telejornal se dá mediante o deslocamento da imagem do fundo da redação até a bancada dos apresentadores através de um movimento de grua ininterrupto, ou seja, sem cortes. Ela começa com um plano



fechado na logomarca presente na plataforma digital e vai abrindo até formar um Plano Geral que mostra toda a redação e simultaneamente vai subindo até fechar nos dois apresentadores. Ressaltamos ainda com relação à abertura, que a redação está parcialmente escura para que se sobressaia a iluminação da plataforma digital ao fundo onde aparece a logo do telejornal e que neste movimento da grua, podemos perceber uma angulação tipo *plongée*, pois mostra a redação de uma posição superior, já que esta fica localizada embaixo de onde fica posicionada a bancada e a própria câmera.

Com exceção desse momento, durante todo o programa, o ângulo permanece no mesmo plano dos apresentadores, oscilando apenas para o lado, ora mais a esquerda quando enquadra somente o apresentador da direita, ora mais a direita quando enquadra o apresentador da esquerda. Essa angulação é utilizada, geralmente, para a inserção de selos no espaço vazio ao lado do apresentador. Com relação ao enquadramento dos apresentadores, vale destacar ainda que ora opta-se por centralizar a imagem dos dois apresentadores, ora só um está ao centro.

Na apresentação das notícias, por sua vez, predominam, pelo menos, quatro tipos de planos: um Plano Médio que mostra da bancada para cima, ora enquadrando apenas um apresentador, ora um pouco mais aberto, enquadrando parte da bancada e os dois âncoras; um Meio Plano, do busto pra cima, para enquadrar apenas um apresentador e um Plano Geral que mostra toda a bancada e inclusive, as logomarcas flutuantes que compõe o cenário.

Inicialmente, temos um Plano Médio, onde em alguns casos, os dois apresentadores fazem uma dobradinha na apresentação das notícias sem que haja movimento de câmera ou corte. O enquadramento permanece o mesmo, enquanto o texto da chamada é dividido entre os dois âncoras, numa espécie de *ping-pong*. Esse enquadramento oscila com Meio Planos, principalmente nas chamadas das matérias, na volta das mesmas ao ler uma nota-pé, nas passagens de bloco e início de bloco.

Vale destacar que algumas voltas ou início de bloco fazem uso ainda de um Plano Geral. Já nas passagens de bloco e no encerramento, predomina o Plano Médio com os dois apresentadores, que assim como na escalada possui *teaser* com imagens da matéria. Com destaque para este último, onde atualmente, há um corte da imagem do cenário para a da redação, imagem onde ultimamente sobem os créditos finais.

No quadro JN Tempo, a imagem começa com um plano geral mostrando o corpo inteiro da apresentadora e, posteriormente, vai fechando num movimento de *zoom* até enquadrá-la dos joelhos pra cima. Quando esta se movimenta para mostrar a cartela com



as temperaturas de quatro cidades brasileiras, o plano novamente se abre até quando há o corte, através do qual a imagem da cartela toma toda a tela da TV.

Já nos VTs ou matérias, os cinegrafistas têm mais liberdade para escolher os melhores ângulos e enquadramentos. Os entrevistados, geralmente, são enquadrados ao centro e no Meio Plano, de acordo com a classificação de Yorke. Um detalhe interessante é o uso de planos *close-up* ou ainda de movimento de lente para desfocar a imagem, caso este não queira ser identificado.

O enquadramento e tipo de plano utilizado com os repórteres variam de acordo com o local e o objetivo da passagem ou ao vivo. Ele pode estar ao centro ou ao lado para valorizar o cenário ou algum objeto ou pessoa atrás dele. Ele pode ainda ser enquadrado num plano pequeno, médio ou geral, pelo mesmo motivo. Por exemplo, no caso de um acidente opta-se por um plano mais geral para mostrar a dimensão da tragédia. Nesse exemplo, observamos o uso de movimentos de câmera, que pode ser uma panorâmica.

Quanto ao tipo de movimento de câmera na apresentação do Jornal Nacional, em geral, as três câmeras permanecem paradas, o que dá a sensação de movimento é o corte de uma pra outra. Por vezes, apenas na abertura, usa-se a grua, como já descrevemos. Já nas matérias são utilizados quase todos os tipos de movimento, com exceção do *travelling* e *dolly*, mais usados no cinema e em gravações especiais.

Quanto ao tipo de iluminação e as cores utilizadas no estúdio, podemos dizer que ela é totalmente artificial, ora quente nas matérias de polícia e violência ora fria para as matérias mais leves. Ao se referir às implicações dos reposicionamentos e mudanças no Jornal Nacional, Bonner (2009, p.139) descreve que “... se o selo é o do Papa – e não o de violência -, a luz que colorirá os fundos do cenário, atrás da Fátima, será azul – e não vermelha. O operador de luzes tem de ser informado”.

No telejornalismo, a cor e a iluminação natural só aparecem em gravações externas: nas matérias e ao vivo. Nesses casos, muitas vezes por causa da posição do Sol, faz-se necessário utilizar rebatedores para equilibrar a luz ambiente com a presente, em especial, no repórter ou entrevistados, para que estes não fiquem com o rosto escuro durante a gravação. Em caso de matérias à noite, além da iluminação ambiente das lâmpadas comuns, os cinegrafistas utilizam um equipamento de iluminação portátil chamado *Sun Gun*, que acoplado a câmera reproduz a luz solar e ainda outros tipos de equipamentos de acordo com a situação.



6- Como se constrói um telejornal?

Ao final deste artigo, só podemos concluir que um telejornal se constrói, através da articulação dos elementos que compõe a linguagem do audiovisual. Não uma articulação qualquer, pois eles também compõem a linguagem de outros audiovisuais. Mais uma linguagem aplicada dentro de um formato, de um gênero. E foi assim que aconteceu com o Jornal Nacional.

Por falar em gênero, recordamos que pelo fato de estar situado entre duas telenovelas, o Jornal Nacional e, posteriormente, outros telejornais passaram a adotar uma linguagem mais híbrida e estratégias como a da identificação, através do uso de personagens para ilustrar as matérias e aproximar os fatos do telespectador, para despertar o interesse e assim, evitar a dispersão entre um programa e outro. Foi o que aconteceu com as matérias de economia, que passaram a falar do impacto da inflação sobre uma família, por exemplo, mostrando o aumento do preço da cesta básica e alguns serviços. Em outras palavras, para manter o público atento e fiel ao telejornal, era preciso aproximar-se dele e tocá-lo, seja pela emoção, seja pela razão, mas principalmente, pela linguagem. Sobre as influências dessa aproximação de outros gêneros, podemos dizer ainda que resultaram em matérias mais leves, com uma linguagem mais próxima do cotidiano.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBEX JR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BOJUNGA, Cláudio. A construção da notícia (2). In: NOVAES, Adauto. (Org.). **Rede Imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p. 213-221.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. **REDE Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005. 373 p. (Comunicação).
- BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- CAMARGO, I. **Imagem, movimento e som: apreensão e instantaneidade na mídia**. In: XVI Encontro Anual da Compôs 2005, Anais (Cd ROM). Niterói, RJ.
- CARPENTER, Edmund; MARSHALL, Mcluhan (orgs). **Revolução na comunicação**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1971.
- DELEUZE, Guilles. **A imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- KILPP, Suzana. **Mundos televisivos**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2005.
- _____; FISCHER, Gustavo. **Janelas de Flusser e Magritte**. 2008. (Produtos Tecnológicos). (Artigo proposto para o IV Congresso Panamericano de Comunicación, Comisión de trabajo “Nuevas tecnologías, comunicación y cultura”).
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.



- ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Nos discursos do corpo televisivo: jogo, sedução e prescrição.** Tese de Doutorado em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil. Ano de Obtenção: 2003.
- ROSSINI, Miriam de Souza. **Televisão e cinema: a tradução, o híbrido e a convergência.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom, Rio de Janeiro, vol. 28, 2005.
- SANTOS, Luciano Correia. **Jornalismo e espetáculo: o mundo da vida nos canais midiáticos.** Aracaju: Banese, 2007.
- SOUZA, Karla Caroline Nery de Souza. **Luz, câmera, interpretação: Os elementos da construção da notícia na Tv.** (Monografia da Especialização em Telejornalismo apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí), Teresina, 2007.
- TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Inovação no telejornalismo: o que você vai ver a seguir.** Vitória: EspaçoLivros, 2009.
- YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1998. (Coleção Novas Buscas em comunicação, 58).

SITES PESQUISADOS:

- www.globo.com
www.youtube.com.br
www.memoriaglobo.com
www.jornalnacional.globo.com
<http://www.kilpptv.comdigital.info/>